

Resenhas

Jornalismo-Laboratório: impressos



Fabiana Piccinin¹

SOSTER, Demétrio de Azeredo; TORNUS, Mirna (org.). *Jornalismo-Laboratório: impressos*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2013.

Todo curso de Jornalismo, por força da legislação, tem um jornal-laboratório. Uma exigência que nasceu junto com a criação dos próprios cursos com o objetivo, como produto laboratorial, de ser um espaço de prática pedagógica fundado na experimentação dos alunos e sob orientação de seus professores, a partir das perspectivas teóricas e técnicas aprendidas.

Com a expansão dos cursos de jornalismo no país nas últimas décadas, tem-se, como bem aponta Lopes (2013), um crescimento em paralelo dos também jornais-laboratório. O surgimento dos produtos laboratoriais, no entanto, não tem sido acompanhado da necessária e oportuna reflexão teórica. Ou seja, muito se tem feito em termos de jornais-laboratório pelas experiências das quais se tem conhecimento com respeito à periodicidade, frequência, qualidade e originalidade nos mais de 316² cursos de Jornalismo espalhados pelo Brasil, mas pouco se tem compartilhado de forma sistematizada as questões reflexivas que acompanham essas experiências. Um dado que contribui para essa constatação diz respeito ao banco de teses e dissertações da Capes, onde as pesquisas sobre esse tema são bastante raras (SOSTER e TORNUS, 2013).

Assim, muito oportunamente, este livro se apresenta nessa perspectiva. *Jornalismo-Laboratório: impressos*, organizado por Demétrio de Azeredo Soster e Mirna Tornus, é um lançamento da Edunisc, editora da Universidade de Santa Cruz do Sul, em 2013. A obra reúne 19 relatos de experiências com jornal laboratório, apresentando as interfaces teórico-metodológicas associadas a essa prática pedagógica tão importante na formação dos jornalistas. A partir de estudos aplicados, os artigos trazem o escopo teórico para tentar compreender as práticas, neste caso, constituídas pelo planejamento, produção, edição e circulação dos jornais produzidos nesses cursos de jornalismo de diferentes universidades brasileiras. Há uma heterogeneidade evidente na concepção do jornal-laboratório no conjunto dos cursos e de seus relatos apresentados, no posicionamento editorial, nas abordagens das matérias, na concepção do design e do layout, na composição da equipe de trabalho e na distribuição das tarefas entre alunos, professores e funcionários, e nas estratégias de produção e de circulação dos jornais, que apontam para diferentes adequações das instituições às suas realidades, necessidades e possibilidades nesse processo.

Nesse sentido, observam-se experiências em que professores, em que pese te-

¹ Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. E-mail: fabi@unisc.br

² Pesquisa aponta que há 316 cursos de Jornalismo no País. Disponível em http://coletiva.dominiotemporario.com/site/noticia_detalle.php?idNoticia=45337. Acesso em 06 de dez 2013.

rem a devida formação para o trabalho, precisam contar também com a ousadia, inventividade e às vezes intuição na condução dos trabalhos que se apresentam sempre para além do que oferece a sistematização teórica sobre a prática laboratorial. E, mais do que isso, tem se apresentado como efetivos exemplos em um primeiro momento na dimensão do ensino, mas que acabam por avançar na constituição do importante círculo acadêmico ao desempenharem também lugares de protagonismo na extensão pela intervenção que geram em suas comunidades, e de pesquisa, como objetos possíveis de investigações por vezes resultantes da prática pedagógica, revelando-se uma experiência paradigmática na vida dos estudantes.

Para tanto, os artigos dão conta naturalmente de muitos desafios que devem ser enfrentados nessa seara, apontando para a evidência de que muita coisa de qualidade está sendo feita no país. Apresentam-se em diferentes temáticas, que vão desde a discussão sobre as rotinas produtivas, as questões deontológicas, a história do produto laboratorial, os relatos das inovações, as experiências em edições temáticas, colaborativas, o viés interdisciplinar do produto laboratorial, até as relações entre plataformas analógicas e digitais e as edições em diferentes formatos como “revista”, jornal-mural, entre outros.

O livro também vem acompanhado de uma série de dados de fundamental importância a respeito da prática do jornal-laboratório nas universidades brasileiras, oriunda de uma pesquisa sobre o tema feito pelos organizadores da obra. A pesquisa foi feita com professores que trabalham com esse produto laboratorial, possibilitando apresentar, portanto, um levantamento que se constitui num diagnóstico sobre o estado da arte da prática de jornal-laboratório. Do número de jornais, à natureza dos mesmos, passando pelos formatos, periodicidade, distribuição da publicação e tipos de assuntos mais frequentemente presentes.

Enfim, uma leitura imprescindível para quem ensina e para quem estuda o jornalismo, em especial em suas práticas laboratoriais, nesse caso no suporte impresso. Uma obra que estava faltando.